
Condições de trabalho, saúde e adoecimento docente: presenteísmo e absenteísmo em escolas de Ensino Médio na região central de Rio Branco/AC

Working conditions, health and teaching illness: presenteeism and absenteeism in high school in central region of Rio Branco/AC

Condiciones de trabajo, salud y enfermedad de los profesores: presentismo y ausentismo en las escuelas secundaria en la región central Rio Branco/AC

Grace Gotelip Cabral

Universidade Federal do Acre

ggotelip@yahoo.com.br

Resumo

O artigo é resultado de uma pesquisa de natureza qualitativa, realizada em escolas estaduais localizadas na área urbana de Rio Branco - AC, que teve como objetivo analisar a relação entre as condições do trabalho docente no Ensino Médio e suas possíveis associações com o adoecimento físico e mental dos professores, determinante do presenteísmo e do absenteísmo laboral. Participaram como sujeitos professores efetivos e temporários atuantes no Ensino Médio, nas escolas da área central - Regional I. O estudo constatou a intensificação no trabalho dos professores; comprovou que as condições de trabalho, nessas escolas, estão associadas ao adoecimento e são geradoras do absenteísmo e do presenteísmo laboral e; não existe iniciativas institucionais nem políticas públicas de atenção à saúde dos sujeitos.

Palavras-chave: *Condições de trabalho. Ensino Médio. Saúde e adoecimento. Presenteísmo. Absenteísmo.*

Abstract

This paper is the result of a qualitative research, conducted in state schools located in the urban area of Rio Branco - AC, which aimed to analyze the relationship between the conditions of teaching work in high school and their possible associations with physical and mental illness, determinat driving force of presenteeism and work absenteeism teachers. The participants were effective and temporary teachers working in high school, in the

schools of the central area - Regional I. The study found the intensification of teachers' work; proved that working conditions in these schools are associated with illness and generate absenteeism and presenteeism work; there are no institutional initiatives or public policies to address the health of the subjects.

Keywords: *Working conditions, High school, Health and illness, Presenteeism, Absenteeism.*

Resumen

El artículo es el resultado de una investigación cualitativa, realizada en escuelas estatales ubicadas en el área urbana de Rio Branco - Acre, cuyo objetivo fue analizar la relación entre las condiciones del trabajo docente en la escuela secundaria y sus posibles asociaciones con enfermedades físicas y mentales de los docentes, fuerza impulsora del presenteísmo y absentismo laboral. Los participantes fueron docentes efectivos y temporales que trabajaban en la escuela secundaria, en las escuelas del área central - Regional I. El estudio encontró la intensificación del trabajo de los docentes; demostró que las condiciones de trabajo en estas escuelas están asociadas con enfermedades y generan absentismo y trabajo actual y, no existen iniciativas institucionales o políticas públicas para abordar la salud de los sujetos.

Palabras clave: *Condiciones de trabajo. Escuela secundaria Salud y enfermedad. Presenteeísmo. Absenteeísmo*

Introdução

A sociedade brasileira nas últimas duas décadas tem passado por grandes mudanças políticas e o contexto econômico é o mais afetado. A flexibilização nas leis trabalhistas, a instabilidade, o desemprego, o aumento das atividades informais são latentes. Frente a este quadro, a disputa no mercado de trabalho torna-se cada vez mais acirrada afetando de forma contundente o desenvolvimento profissional nas mais diferentes áreas. Assim, essa realidade se mostra presente também no desenvolvimento profissional docente, visto que aqueles que assumem a função de professor estão sendo desafiados a trabalharem em condições materiais e emocionais inóspitas a permanentemente baterem metas de produtividade e via de regra responsabilizados pelo insucesso.

No contexto acreano, a Secretaria Estadual de Educação tem intensificado suas exigências o que tem agravado esse cenário, tornando-o cada vez mais complexo. Não são raros os registros de afastamento de professores de suas atividades laborais, bem como a identificação de outros tantos que mesmo adoecidos se mantem no exercício profissional, por força das práticas reguladoras do sistema e suas exigências, porém, invariavelmente, demonstrando dificuldades na condução do processo de

ensino-aprendizagem no interior da sala de aula. Decorrente do exposto não se pode negar que tem havido profundas mudanças no quadro geral da saúde dos professores, embora isso ocorra, às vezes, de forma convenientemente despercebida.

Bases teóricas

Frente ao exposto, alguns conceitos foram fundamentais para o estudo: trabalho, condição do trabalho, intensificação, saúde e adoecimento, presenteísmo e absenteísmo. Para Delcor, Araújo e Reis (2004) o trabalho dignifica o homem, porém, paradoxalmente apresenta duas vertentes, ambas reflexos de suas condições de trabalho e satisfação profissional: a primeira diz respeito ao trabalho como elemento de prazer, considerado uma inesgotável fonte de realização profissional e pessoal; a segunda, considerando seus resultados pode tornar-se um elemento patogênico, afetando contundentemente a saúde do trabalhador.

Para Fava (2006) o presenteísmo significa estar presente no trabalho e desenvolvendo suas ações, mesmo doente. Sujeitos com manifestação de presenteísmo apresentam uma queda na produtividade. Para Abreu e Simões (2009), esse fenômeno é ainda mais grave, trata-se de um problema organizacional, pois o colaborador se faz presente fisicamente no trabalho, mas não está produzindo como deveria em razão de diversas variáveis e/ou fatores: insatisfação, pessimismo, desânimo, alto nível de estresse, sentimento de impotência frente as demandas e sucessivas experiências negativas. Dessa forma, o presenteísmo pode ser relacionado às quedas de produtividade, decorrentes do fato dos professores trabalharem doentes, medicando-se nos intervalos das aulas, queixando diversas doenças, contudo, presentes no seu local de trabalho, num esforço hercúleo para ser um diferencial para os jovens com quem trabalha e “tentando dar uma resposta à sua cobrança pessoal”. (PASCHOALINO, 2007, p. 200).

Grativol (2008) aponta que na maioria das vezes os trabalhadores presenteístas encaram o trabalho como um peso e, por terem dificuldades de alcançar metas estabelecidas se tornam desanimados e inseguros. Estudos preliminares sobre profissionais com características presenteístas tem

apontado que eles costumam nunca tirar férias, pela insegurança e medo de serem substituídos. No tocante à docência as características descritas são muito semelhantes, o professor é constantemente pressionado a naturalizar as condições de trabalho na escola, mesmo quando essas são inadequadas e a mostrar resultados para, por exemplo, se manter numa escola central. Assim, comparece ao trabalho mesmo doente ou em processo de adoecimento. Segundo a literatura na área, é nessas condições que se instala o processo de morbidade de qualidade de vida física e mental.

O absenteísmo é um fenômeno mais conhecido. De acordo com Araújo (2012) ele ocorre quando há falta de assiduidade ao trabalho, decorrente de todo e qualquer tipo de ausência, seja ela parcial ou total, justificada por meio de atestados ou não. O absenteísmo é pois, a falta ao trabalho independentemente do motivo. Entretanto, a produção teórica na área tem invariavelmente apontado que as doenças funcionais dos professores, adquiridas ao longo do tempo destinado ao trabalho, tem se constituído no principal fator que explica o elevado índice de absenteísmo nas escolas.

Exercer a profissão docente é uma tarefa complexa. Ela requer uma formação que garanta ao professor, além do domínio dos saberes científicos específicos da área, os saberes político-pedagógicos. Requer ainda uma alta capacidade de lidar com o contexto onde a escola está inserida e com os alunos que nela chegam. Para além disso recai sobre a profissão a necessidade, de não raras as vezes, o professor ter que trabalhar fora do horário estabelecido no contrato com o objetivo de conseguir cumprir com suas atividades. Se faltar ao trabalho, ainda que justifique, a carga horária terá que ser cumprida na íntegra e para isso ele terá que se submeter a repor os tempos de aula nos quais não se fez presente. É considerando o exposto que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) reconhece a profissão docente como de alto risco, sendo considerada a segunda categoria a portar o maior número de doenças de caráter ocupacional, ou seja, relacionadas ao trabalho e as suas condições materiais. A despeito do exposto, é importante ressaltar que nas duas últimas décadas o trabalho do professor tem sido ainda mais intensificado.

Assunção e Oliveira (2009, p.352) caracterizam a intensificação do trabalho dos professores como “um dos principais fatores de derivação do

estresse e do possível surgimento de doenças”, também denominado de adoecimento. Enfatizam que as exigências postas para os profissionais da educação, presentes nas políticas de gestão educacional, desde os primeiros anos da década passada, resultam em maiores exigências e uma crescente responsabilização dos docentes que, conseqüentemente, refletem no modo de vida e trabalho dos mesmos. Para as autoras, a intensificação se materializa no aumento significativo de “atividades, responsabilidades e relações que se realizam na escola, para além da regência de classe, sujeitas a mecanismos implantados pela gestão, na busca por redução dos custos e aumento da eficácia”.

Ocorre que a tendência exposta é fundamentada na legislação, portanto legal. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) Lei nº 9.394/96, nos artigos 12, 13 e 14, dispõe sobre as competências dos estabelecimentos de ensino e dos docentes e, ainda, sobre a gestão democrática, reforçando no plano legal que o trabalho docente não se restringe à sala de aula, mas que ele contempla também as relações com a comunidade, a gestão da escola, o planejamento do projeto pedagógico, a participação nos conselhos, entre outras funções, o que comprova o no plano legal o denominado processo de intensificação.

Para Landini (2007) o trabalho do professor tem se intensificado, em grande parte porque o “campo da educação se caracteriza, cada vez mais, por seu caráter mercadológico, cuja centralidade se localiza na formação de indivíduos adaptados à lógica capitalista de produção” (p.9). Nessa perspectiva transformar o trabalho docente em mercadoria, requerendo dele eficiência, eficácia, produtividade e cumprimento das regras de mercado de forma a obter valor, são premissas. Nesse quadro situacional, coadunando com o autor, o trabalho do professor vem sofrendo profundas alterações em sua forma de organização, nos seus objetivos e destinação, sustentadas e reguladas pelas políticas educacionais vigentes nas quais o trabalho do professor se configura como uma prestação de serviços, associado a funções burocráticas e de manutenção dos padrões relacionados ao desenvolvimento científico e à profissionalização, condições estas que influenciam diretamente o significado do seu trabalho para a sociedade e para si mesmo.

Santos; Marques e Nunes (2012) chamam atenção para outros elementos: a condição salarial dos professores da Educação Básica que, comparada a outras profissões, ainda é uma das mais baixas em relação ao tempo e esforço dedicado ao cumprimento do exercício profissional e, não menos importante, as condições nas quais se desenvolvem o seu trabalho (carga horária, número de alunos, tipo de contrato, tempo disponível para atividades de lazer) que são condições fundamentais e, portanto, necessárias para a manutenção da saúde do indivíduo e qualidade do trabalho desenvolvido. O exposto ratifica que os professores não encontram estímulos a permanência na profissão, fator que tem desencadeado e agravado os índices de insatisfação, produzindo reflexos na saúde e na sua qualidade de vida.

Para Cury Júnior (2010) condições de trabalho adequadas são aquelas que garantem ao professor exercer seu trabalho com qualidade e eficiência. Assim, salas de aulas em tamanhos apropriados e devidamente equipadas, boa acústica ou uso de recursos adequados, número reduzido de alunos por turma, boa estrutura física e ambientes extraclasse para desenvolvimento integral do aluno, são fundamentais. Caso no exercício profissional ele não encontre as condições adequadas, o trabalho, com o passar do tempo, vai se constituindo em fator de adoecimento.

De acordo com Cruz e Lemos (2005) o professor pode adoecer mentalmente devido ao choque entre seus anseios, objetivos, perspectivas, investimentos profissionais e a realidade vivida no ambiente de trabalho se não é reconhecido pelos pares e se as condições materiais de trabalho são insuficientes. Dessa forma, se não encontrar no trabalho a satisfação e o prazer, se desgasta e inicia um processo de frustração e sofrimento mental que somatizado, via de regra, culminará no adoecimento físico e também mental.

A partir do aporte teórico referenciado, o presente estudo buscou, então, investigar a seguinte problemática: as condições de trabalho dos professores de escolas de Ensino Médio da rede pública de ensino podem ser associadas ao adoecimento físico e mental dos professores e determinantes para o aparecimento do presenteísmo e do absenteísmo laboral?

Partindo da problemática levantada, o presente estudo teve como *objetivo* analisar a relação entre as condições do trabalho docente no Ensino Médio e suas possíveis associações com o adoecimento físico e mental dos professores, identificando as principais doenças que tem acometido esses profissionais e produzido o absenteísmo e/ou presenteísmo no ambiente de trabalho.

Como *objetivos específicos*, buscou-se: analisar a relação entre as condições da realização do trabalho docente e o adoecimento físico e mental dos professores; investigar a qualidade de vida dos docentes quanto aos aspectos: encargos docentes, jornada de trabalho, alimentação e atividades de lazer; identificar os principais problemas de saúde que levam ao absenteísmo no trabalho docente; identificar os principais fatores que levam ao presenteísmo no trabalho docente; identificar, na perspectiva dos docentes adoecidos, as principais queixas no que se refere ao seu campo de atuação, analisando sua potencialidade como fator determinante de adoecimento; identificar iniciativas e/ou ações institucionais ou do sistema que demonstrem cuidados com a saúde do professor, tendo em vista a intensificação do trabalho docente, decorrentes das demandas legais e institucionais na Educação Básica, em especial, no Ensino Médio

Material e método

Minayo (2004), advoga que a pesquisa é um caminho sistemático que busca indagar e entender a realidade, desvendando os conflitos e problemas da vida cotidiana através da relação da teoria com a prática para a qual segundo ela a metodologia se configura como o caminho do pensamento a ser seguido: o tipo de abordagem, o método, as técnicas que o pesquisador irá empregar para obter os dados necessários para a realização da pesquisa. Ela é importante para garantir a boa qualidade da pesquisa, conferindo-lhe “confiabilidade, cientificidade e veracidade” (p.23).

Para atingir os objetivos propostos, optou-se metodologicamente por uma pesquisa com ênfase na abordagem de natureza qualitativa. Essa opção possibilita ampliar a compreensão do problema enfocado, uma vez que ela, segundo Minayo (2004, p. 22), além de responder a questões muito particulares “trabalha com o universo de significados, motivos, crenças,

aspirações, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos”.

Tendo em perspectiva os objetivos traçados para o estudo, optou-se por realizar uma pesquisa exploratório-descritiva. Segundo Cervo, Bevia e Silva (2007) exploratória porque tem por objetivo familiarizar-se com o assunto investigado, obtendo novas percepções acerca do objeto. Descritiva porque consiste em observar e analisar os fatos ou fenômenos sem manipulá-los, bem como considerar a frequência com que este fenômeno ocorre e sua relação com outros fatores.

O campo de investigação foram escolas de ensino médio, localizadas na região central da cidade de Rio Branco, capital do Acre. Estas escolas foram selecionadas considerando serem elas as maiores na Regional I, maior quantitativo de alunos e turmas e professores, nelas ocorrem forte concorrência para ser e se manter lotado nela tendo em vista a facilidade no acesso por meio de transporte público e pelas características socioeconômicas dos bairros atendidos por estas escolas. Participaram como sujeitos da pesquisa professores com atuação na rede estadual de ensino, efetivos e provisórios, com atuação oficial em escolas da Regional I.

Toda pesquisa, em especial a descritiva tem que ser bem planejada para que seus resultados sejam úteis e favoráveis ao estudo que se quer desenvolver. A definição dos métodos, técnicas e instrumento para a coleta de dados é uma etapa importante. Para a realização da pesquisa em tela optou-se pelo uso da técnica de entrevista, visto que ela é uma técnica de comunicação direta e que possibilita observar outros aspectos importantes como o comportamento, atitudes e expressões do entrevistado. (CERVO; BEVIAN; SILVA, 2007).

Como instrumento de coleta de dados optou-se por utilizar um questionário dividido em seis categorias: dados gerais; formação profissional; atuação profissional; condições de trabalho e saúde; situação de saúde autorreferida e; condições de trabalho e saúde.

Na primeira categoria *dados gerais*, coletou-se os seguintes dados: faixa etária; sexo; estado civil e número de filhos. Na segunda categoria, *formação profissional*, os dados foram coletados considerando a titulação e o tempo na carreira do magistério. Na terceira categoria, *atuação profissional*, buscou-se

identificar o sistema de contratação; carga horária contratada e trabalhada; número de horas/aula por dia; disciplina (s) em que atua; número de turmas em que trabalha; número médio de alunos por turma; turno (s) de trabalho; se trabalha em outra escola, se possui outro vínculo empregatício; se o horário de trabalho extrapola o tempo previsto em seu contrato; se já se sentiu pressionado por atividades docentes que precisou realizar fora da escola e que atividades como professor(a) o sujeito realiza fora de sua jornada de trabalho na escola.

Na quarta categoria, *condições de trabalho e saúde*, os sujeitos responderam se as condições materiais de trabalho são adequadas; se são/foram intensificadas e/ou precarizadas; se sente-se reconhecido no trabalho; como são as relações de trabalho com os demais profissionais da escola; como considera sua relação com os alunos; se considera que suas condições/processo de trabalho afetam a sua saúde; se as relações interpessoais na escola afetam a sua saúde; se sente-se pressionado por metas de produtividade e se existem fatores no ambiente de trabalho que ele julgue prejudicial a sua saúde ou que causem incômodos.

Em relação à quinta categoria, *situação de saúde autorreferida*, os professores responderam as seguintes questões: Como você classifica seu nível de satisfação no trabalho? Como você se sente ao ir para o trabalho? Considerando o início do ano letivo como você avalia a sua saúde? Você tem tempo disponível para atividades de lazer? Dos problemas de saúde apresentados pelo pesquisador, assinale aqueles que já foi ou está acometido; você está em tratamento medicamentoso com prescrição médica? Você se automedica para superar condições adversas no trabalho? Você procura atividades que possam auxiliar na promoção de sua saúde? Considera que o tempo disponível seria suficiente para fazê-lo? Seus horários de alimentação são regulares ou irregulares? Você faz, pelo menos, três refeições diárias?

Na sexta categoria, *condições de trabalho e saúde*, os professores responderam: Você considera que a intensificação da atividade docente na escola tem afetado as suas condições de saúde ao longo dos dois últimos anos? Você comparece ao local de trabalho mesmo estando adoecido(a)? Você se sente estressado no local de trabalho? Você já teve alguma crise relacionada à saúde na escola? Você necessitou solicitar afastamento por problemas de saúde

nos dois últimos anos? Devido à sobrecarga de trabalho, você se sente cansado e/ou desanimado? Já aconteceu de você ir trabalhar mesmo não sentindo bem ou sabendo que deveria ter se afastado para tratamento de saúde? Depois de uma jornada diária de trabalho, já aconteceu de você sentir dores ou algum outro sintoma físico? Você sente prazer em ser professor(a)? Você está ou esteve em processo de afastamento laboral? Você considera que seu afastamento foi decorrente das condições de trabalho na escola? Você considera que a intensificação do trabalho docente produziu seu adoecimento ou agravaram suas condições de saúde? A que você atribui o seu afastamento?

A pesquisa foi dividida em quatro etapas. Na primeira etapa realizou-se o levantamento bibliográfico e teórico-conceitual acerca do objeto. Na segunda etapa foi realizada a pesquisa de campo nas escolas selecionadas, na qual foi apresentado a equipe gestora o instrumento de coleta de dados, ou seja, o questionário a ser respondido pelos professores. Antes da aplicação do referido instrumento cumpriu-se, também, os protocolos éticos da pesquisa. Na terceira etapa aplicou-se o questionário aos professores que por adesão voluntária decidiram participar da pesquisa. Ressalta-se que com os que responderam na presença da pesquisadora pode-se realizar também a entrevista. Outros optaram por responder em separado. Na quarta etapa da pesquisa foi feita a sistematização dos dados coletados, a análise à luz do referencial teórico e a apresentação dos resultados e conclusões do estudo.

Os achados da pesquisa

Os resultados demonstraram que 41% dos entrevistados são homens e 59% são mulheres. Segundo Batista; Carlotto e Coutinho (2009), o setor educacional é um dos que apresenta ampla participação feminina e que tende, por isso, a estar mais susceptível ao surgimento de problemas de saúde, considerando as características inerentes à natureza biológica, como por exemplo a função reprodutiva, a menopausa e o trabalho doméstico. Quanto a faixa etária, 50% dos entrevistados estão entre 41 a 50 anos e 23% possui mais de 51 anos. Portanto, 73% dos professores possuem mais de 40 anos, uma faixa etária em que os problemas de saúde relacionados ao estilo de vida e a idade começam a manifestar-se mais frequentemente. Quanto ao

estado civil 50% são casados e 32% tem mais de dois filhos, o que pode ser considerado um indício de que as exigências da vida familiar requeira mais tempo para cuidados e afazeres domésticos.

Em relação à titulação, 27% têm apenas a graduação, 64% tem especialização e 9% tem mestrado. Não foi identificado entre os sujeitos nenhum doutor. Quanto ao tempo na carreira do magistério os resultados demonstram que 41% dos entrevistados tem entre 16 a 25 anos e 18% mais de 26 anos de carreira, o que expressa que a maioria dos entrevistados está acima do meio da carreira e vivenciaram de alguma forma o fenômeno da intensificação presente no sistema educacional, com alta regulação sobre as práticas docentes e níveis elevados de exigência. Segundo Assunção e Oliveira (2009) em decorrência do exposto as condições de saúde do professor, no decorrer dos anos, sofrem reflexos cada vez maiores, afetando o estado de saúde e a qualidade de vida do mesmos.

Quanto ao regime de contratação, 82% dos participantes são efetivos e 18% provisórios ou temporários. Esse alto número de professores efetivos se manifesta mais frequentemente nas escolas centrais, tendo em vista que os professores provisórios, em sua maioria, são lotados nas escolas periféricas e de acesso mais difícil.

No que concerne a jornada de trabalho 91% dos professores trabalham 30 horas ou mais. As condições de saúde do professor são diretamente influenciadas pela carga horária de trabalho, a qual interfere de forma direta na utilização do tempo livre e disponível para completar suas atividades laborais, para o lazer e outras atividades. Todavia, outro resultado foi bastante importante, 63% trabalham com mais de 8 turmas, das quais mais da metade possuem entre 30 e 40 alunos, o que sinaliza que se considerar o universo de professores e turmas, eles trabalham em média com 260 alunos. Uma maior quantidade de alunos requer maior atenção e controle por parte do professor, visto que as necessidades individuais diferem significativamente. Para ministrar aulas para esse quantitativo, faz-se necessária além de um tempo considerável na preparação de aulas, de tempo disponível, bem como de esforço e dedicação intelectual, para a intervenção pedagógica, acompanhamento, correção de atividades e provas.

Segundo os participantes muito tempo é gasto também no planejamento individual de sequências didáticas; produção de material didático; atividades extraclasse e encontros de formação continuada oferecidos pela Secretaria de Educação que geram sobrecarga e intensificação na profissionalidade. Segundo Vedovato e Monteiro (2008) essas atividades, somadas às horas de trabalho nas salas de aula, têm levado a uma sobrecarga de responsabilidade no exercício de suas funções docentes, no âmbito educacional. Podem ainda, a partir das características da intensificação, serem desencadeadoras de processos de adoecimento ou responsáveis por eles.

Em direção análoga, os estudos de Pereira, Texeira e Santos (2009) enfatizam a relação direta entre a exaustão emocional, que se caracteriza como um processo de adoecimento mental, com o número de alunos/turmas e com a carga horária docente, ou seja, quanto maior o número de alunos/turmas e o número de horas dispensadas ao trabalho, mais o docente estará suscetível ao desgaste físico e emocional. Estas podem ser consideradas as condições inerentes ao trabalho do professor que refletem diretamente no seu bem estar físico e emocional. Ratificando o exposto, constatou-se que 41% dos professores possui outro vínculo empregatício na rede pública ou privada.

No que concerne as condições de trabalho e saúde, os dados revelam que 68% dos professores não consideram suas condições de trabalho adequadas e 59% disseram ser elas intensificadas e precarizadas e atribuem isso a quantidade de alunos, ao número de turmas que em algumas áreas do conhecimento, em virtude da carga horária ser menor, impõe que o professor trabalhe com um número maior de turmas; a acústica das salas; falta de alguns equipamentos para atender as demandas do ensino, como por exemplo o número insuficiente de data show. Dentre os principais fatores no ambiente de trabalho que os docentes consideraram prejudicial à saúde foram apontados: o ter que falar alto e/ou falar constantemente; o mau comportamento dos alunos; o ficar em pé por longos períodos; o número excessivo de turmas e alunos e as metas impostas e as condições para a sua realização. Frente ao exposto, compreende-se porque a maioria dos professores afirmou que as condições/processo de trabalho afetam a sua saúde bem como se sente pressionados por metas de produtividade.

Na quinta categoria – *Situação de saúde autorreferida* – em relação ao nível de satisfação no trabalho, 73% dos professores responderam ser baixo seu nível de satisfação em função do alto nível de estresse. Segundo Reis, Araújo e carvalho (2006) o estresse corresponde a um estado de reação fisiológica frente às demandas do meio ambiente. A sua frequência, cada vez maior, tem repercussões negativas nas condições de saúde e no desempenho profissional em qualquer área. Por conseguinte, segundo Altoé (2010) o estresse é o grande gerador do presenteísmo nas organizações trabalhistas, principalmente quando o trabalhador encontra-se com algum comprometimento de saúde ou em estado de adoecimento.

73% consideram a profissão e a profissionalidade muito estressante; 68% avaliam sua condição de saúde como razoável; 66% fizeram alguma ressalva sobre sua situação de saúde e 56% afirmaram estar em tratamento medicamentoso e desses apenas 12% com prescrição médica.

Quando questionados sobre como auto avaliam o próprio estado de saúde, os resultados apontam que 68% a consideram de ruim a razoável, ou seja, apresentam alguma ressalva sobre a saúde. No outro extremo, apenas 12% consideram seu estado de saúde ótimo-estável. Todavia, um detalhe foi agravante, 52% dos professores afirmaram estar em tratamento medicamentoso com prescrição médica. Isso leva a constatação de que mais da metade dos professores estão doentes. Ao mesmo tempo, quando questionados sobre o uso da automedicação para superar as condições adversas no trabalho os resultados foram impactantes, 78% afirmaram sentir desconfortos, dores ou outro sintoma depois de uma jornada de trabalho e 72% disseram fazer uso de algum medicamento com ou sem prescrição médica. Esse fato evidencia o presenteísmo, pois, segundo Paschoalino (2007) estar em tratamento medicamentoso e/ou fazer uso da automedicação e ao mesmo tempo continuar exercendo sua função, é uma das condições que caracteriza o presenteísmo laboral, comprometendo a produtividade e a qualidade do trabalho e intensificando os agravos na saúde do profissional. Quanto ao tipo de medicação, os analgésicos, antiácidos, anti-inflamatórios e anti-hipertensivos foram os mais citados.

Os problemas de saúde apresentados pelos professores foram diversos: descontrole emocional por estresse; distúrbios vocais; depressão;

hiperlipidemias (relacionado a nível elevado de gordura no sangue ou colesterol alto); infecções (diversos tipos); distúrbios da visão; problemas musculoesqueléticos caracterizados pela artrose, artrite, tendinites, bursite, reumatismos, dores musculares e problemas na coluna cervical e lombar; problemas gastrointestinais (gastrite e refluxo gástrico, diarreia e; hipertensão (pressão alta). Alguns apresentaram problemas respiratórios como asma e congestão nasal. Todavia, os problemas musculoesqueléticos foram os que apresentaram maior incidência de respostas seguidos dos distúrbios vocais e o estresse.

Segundo Penteadó (2007), a voz é um importante instrumento de trabalho do docente e tem repercussões diretas na qualidade de vida e na saúde geral dos mesmos. Contudo, a necessidade de dedicar boa parte das horas do dia às atividades laborais, de pé, com o uso da voz sempre postada e sob pressão por resultados positivos incidem de forma extrema na qualidade de vida, satisfação, prazer e realização profissional. Não foram raros os relatos de cansaço ou dores na garganta, rouquidão e até dificuldades ou perda parcial de audição que, em conformidade com o referencial teórico, podem ser relacionados ao esforço repetitivo do uso da voz.

Ribeiro, Araújo e Carvalho (2011), enfatizam a doença musculoesquelética como uma das causas mais frequentes de dor e de queixas dos professores em relação ao esforço físico rotineiro realizado pelos mesmos. As causas mais frequentes encontradas na pesquisa foram o esforço para carregar materiais didáticos diversos de forma inadequada, movimentos repetitivos realizados durante as aulas, inclusive o ter que falar alto o tempo todo, associadas a elevada carga horária de trabalho, majoritariamente, de pé.

Outras condições fundamentais interferem na saúde do docente, dentre elas destaca-se o tempo disponível para o lazer e hábitos alimentares. Quanto ao lazer, 55% disseram ter tempo disponível para outras atividades além do trabalho, enquanto 45% afirmaram não dispor desse tempo. Todavia, na entrevista pode-se constatar algumas contradições na compreensão do que é o lazer, especialmente ao se considerar a perspectiva da OMS para a qual as atividades de lazer estão intimamente relacionadas com a qualidade de vida, sendo materializadas em danças, caminhadas, natação, jardinagem, passeios

de bicicleta, jogos e prática de esportes diversos ou atividades físicas regulares. Alguns depoimentos expressaram essas contradições:

Eu tenho sim lazer. Fazemos churrasco, sempre, nos finais de semana e convidamos, as vezes, amigos, parentes. Ouvimos música, conversamos... Então, pra não ficar pesado, enfadonho pra mim depois, eu aproveito pra durante o furdução corrigir as provas e trabalhos. No fim do dia me distrai, me diverti e estou com tudo pronto, sem me sentir cansada. (Entrevistado 4)

Sim, tenho lazer. Gosto de ir a igreja, na casa de um parente... (entrevistado 7)

Sim, qualquer coisa que eu faço que não seja estar na escola é pra mim lazer, até fazer a limpeza da minha casa, o que eu só consigo fazer nos finais de semana. (Entrevistado 15)

Por conseguinte, quanto aos hábitos alimentares, 68% disseram não se alimentar de forma adequada, o que no contexto do trabalho significava fazer diariamente, no mínimo, as três refeições principais. Todavia, embora 32% responderam se alimentar regularmente ou que procuram manter hábitos saudáveis para uma melhor qualidade de vida e disposição individual, condições essas fundamentais para a saúde de qualquer indivíduo, não foram poucos os depoimentos de professores que não fazem a primeira refeição, que consomem a substituem por lanches diversos, especialmente no café da manhã e no almoço, considerando o horário do início das aulas e/ou o curto espaço de tempo entre um turno e outro. Nas entrevistas, muitos associaram esse comportamento à sensação de azia, refluxo, diarreia e até ganho de peso e obesidade.

No que concerne a intensificação do trabalho na escola e se ela afeta as condições de saúde, 77% responderam que sim. Em função da regulação sobre o trabalho do professor, 82% afirmaram comparecer ao local de trabalho mesmo estando adoecido, enquanto 18% não comparecem ao local de trabalho doente ou em condições de adoecimento, caracterizando aqui o Presenteísmo e o absenteísmo. Vários são os motivos que tem levado os professores a permanecerem em salas de aula adoecidos física ou quando mentalmente estressados, dentre eles, foram relatados a necessidade financeira, a exigência por produtividade por parte da Secretaria de Educação e da equipe gestora da escola, a necessidade de cumprimento da carga horária estabelecida, pois, caso contrário, “é estar só adiando o trabalho”

(Entrevistado 17), o excesso de responsabilidade e a dificuldade de reposição das aulas em caso de falta.

Os resultados comprovaram também que a maioria dos professores encontra-se cansado, estressado e sobrecarregado e mesmo nessa condição mantem-se presente no trabalho, o que reafirma o presenteísmo. De acordo com Paschoalino (2007), nessa condição comparecem à escola e registram as aulas mesmo estando doentes ou em processo de adoecimento para cumprirem suas funções, porém, com menos qualidade, apáticos e muitas vezes se automedicando para superar as condições adversas. Convém ressaltar que boa parte dos professores desconhecem o fenômeno do presenteísmo, e que, embora alguns considerem o próprio estado de saúde em boas condições, afirmam que a sobrecarga de trabalho inerente à profissão docente está afetando direta ou indiretamente sua saúde.

Quanto ao absenteísmo, a pesquisa identificou 26 casos de afastamento com atestado médico e 62 faltas justificadas, porém sem a comprovação exigida em lei. Os 26 casos de afastamento se deram por: problemas na faringe, licença para cirurgia do aparelho digestivo, mioma/endometriose, depressão/estresse, problemas musculoesqueléticos, tratamento da coluna vertebral e um caso de infarto do miocárdio ocorrido dentro da escola. A falta ao trabalho, por esses e outros motivos de doença que de alguma forma apareceram na pesquisa, denotam o absenteísmo laboral. Nas escolas, não foram poucos os relatos apresentados por coordenadores pedagógicos de faltas de professores, inclusive apresentando o planejamento da escola por meio de um calendário de reposição.

Santos e Marques (2013), enfatizam a relação entre algumas características do trabalho docente com o absenteísmo, com o presenteísmo e o surgimento de agravos à saúde, também considerados achados nessa pesquisa, dentre elas a elevada carga horária de trabalho, problemas psicológicos (principalmente o nível de estresse) e problemas físicos.

Em relação à iniciativas e/ou ações institucionais que demonstrem cuidados com a saúde do professor, 92% disseram não ter ciência e os demais não responderam a questão.

Considerações finais

O Objetivo da pesquisa foi analisar a relação entre as condições do trabalho docente no Ensino Médio e suas possíveis associações com o adoecimento físico e mental dos professores, identificando as principais doenças que tem acometido esses profissionais e produzido o absenteísmo e/ou presenteísmo no ambiente de trabalho. Nessa direção foi possível constatar que no desenvolvimento da atividade profissional docente em escolas de Ensino Médio, localizadas na região central de Rio Branco, as condições de trabalho estão intensificadas e produzem reflexos direto na saúde física e mental do professor, permitindo sua associação ao processo de adoecimento.

As condições de trabalho por afetarem a saúde do professor são geradoras do fenômeno do presenteísmo e do absenteísmo laboral. O Presenteísmo foi confirmado nas diferentes escolas sendo decorrente, principalmente, de problemas de saúde comprovados, trazendo consequências para o professor e para a escola e desarticulando as práticas educativas. Ele requer maior atenção, por ser um fenômeno silencioso e nem sempre perceptível. Os indícios de sua ocorrência nas escolas investigadas residem no fato de, a maioria absoluta dos professores participantes da pesquisa fazerem uso de algum medicamento no exercício das atividades laborais, com ou sem prescrição médica.

Os resultados comprovaram ainda que a maioria dos docentes comparecem no local de trabalho mesmo adoecidos e admitem a falta de ânimo, entusiasmo, apatia e perda da qualidade no trabalho que desenvolvem. Não houve relatos sobre ações do poder público ou institucionais que demonstrem atenção a saúde e qualidade de vida dos professores.

Finalmente, tendo em vista as discussões e resultados da pesquisa, no intuito de contribuir para a expansão do conhecimento nessa área de estudo e de sensibilizar o poder público na formulação e implementação de políticas de atenção a saúde do trabalhador docente, outras pesquisas estão em andamento a fim de que se conheça também a realidade em escolas públicas localizadas nas periféricas. Seriam nessas escolas ainda mais graves as condições de trabalho e saúde dos professores?

Referências

ABREU, R. M. D.; SIMÕES, A. L. A. *Ausências por adoecimento na equipe de enfermagem de um hospital de ensino*. Ciência cuidado e saúde. v.8, n.4, p.637-44, 2009.

ALTOÉ, A. *Políticas institucionais e seus desdobramentos sobre o trabalho docente: absenteísmo e presenteísmo*. 2010. 138p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontífica Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

ARAÚJO, J. P. *Afastamento do trabalho: absenteísmo e presenteísmo em uma Instituição Federal do Ensino Superior*. 2012. 123p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

ASSUNÇÃO, A. A; OLIVEIRA, D. A. *Intensificação do trabalho e saúde dos professores*. Revista Educação & Sociedade, Campinas, v. 30, n. 107, p. 349-372, maio/ago. 2009.

BATISTA, J.B.V; CARLOTTO, M. S.; COUTINHO, A. S.; et al. *Saúde do professor do ensino fundamental: uma análise de gênero*. Caderno de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 657-674, 2009.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. da. *Metodologia científica*. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COSTA, G. L. M.; OLIVEIRA, D. A. *Trabalho Docente no Ensino Médio no Brasil*. Revista Perspectiva, Florianópolis, v. 29, n. 2, p. 727-750, jul./dez., 2011.

CRUZ, R. M.; LEMOS, J. C. *Atividade docente, condições de trabalho e processos de saúde*. Revista Motrivivência, ano XVII, n 24, p. 59-80, jun./2005.

CURY JUNIOR, C. H. *Qualidade de vida no trabalho e subjetividades docentes*. Revista Evidência, v. 6, n. 6, p. 89-110, 2010.

DELCOR, N. S.; ARAÚJO, T. M.; REIS, E. J. F. B.; et al. *Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil*. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 20, n. 01, jan./fev., 2004.

FAVA, L. R. *Absenteísmo e Presenteísmo*. O seu Portal de Gestão. Carreira/qualidade de vida. São Paulo, set. de 2007. Disponível em: http://www.ogerente.com.br/novo/colunas_ler.php?canal=6&canallocal=53&canalsub2=177&id=839 Acesso em: 21 mar. 2010.

GRATIVOL, Kariny. *Jornada sem fim*. Criativa. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2008. Disponível em: <http://revistacriativa.globo.com/Criativa/0,19125,ETT917427-4241,00.html>. Acesso em: 09 jun. 2008.

LANDINI, S. R. *Professor, trabalho e saúde: as políticas educacionais, a materialidade histórica e as consequências para a saúde do trabalhador-professor*. Revista Colloquium Humanarum, v. 4, n. 1, p. 08-21, jun., 2007.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria método e criatividade*. 17 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p.

PASCHOALINO, J. B. Q. *Matizes do mal-estar dos professores do Ensino Médio*. 2007. 220f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais - Programa de Pós Graduação em Educação, Belo Horizonte.

PENTEADO, R. Z. *Relações entre saúde e trabalho docente: percepções de professores sobre a saúde vocal*. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, v. 12, n. 1, p. 18-22, 2007.

PEREIRA, E. F.; TEIXEIRA, C. S.; SANTOS, A.; et al. *Qualidade de vida e saúde dos professores de educação básica: discussão do tema e revisão de investigações*. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, Brasília, v. 17, n. 2, p. 100-107, 2009.

REIS, E. J. F. B.; ARAÚJO, T. M.; CARVALHO, F. M.; et al. *Docência e exaustão emocional*. Revista Educação & Sociedade, Campinas, v. 27, n. 94, p. 229-253, jan./abr. 2006.

RIBEIRO, I. Q. B.; ARAÚJO, T. M.; CARVALHO, F. M.; et al. *Fatores ocupacionais associados à dor musculoesquelética em professores*. Revista Baiana de Saúde Pública, Salvador, v. 35, n. 1, p. 42-64, jan./mar., 2011.

SANTOS, M. N.; MARQUES, A. C. *Condições de saúde, estilo de vida e características de trabalho de professores de uma cidade do sul do Brasil*. Revista Ciência & Saúde Coletiva, v. 18, n. 3, p. 837-846, 2013.

SANTOS, M. N.; MARQUES, A. C.; NUNES, I. J. *Condições de saúde e trabalho de professores no ensino básico no Brasil: uma revisão*. Revista Digital, Buenos Aires, ano 15, n. 166, março 2012.

SOUZA, D. L. *Professor, trabalho e adoecimento: políticas educacionais, gestão do trabalho e saúde*. São Carlos. Trabalho de Conclusão de Curso – UFSCAR, 2007.

VEDOVATO, T. G.; MONTEIRO, M. I. *Perfil sociodemográfico e condições de saúde e trabalho dos professores de nove escolas estaduais paulistas*. Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 290-297, 2008.

c